



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



BOAS FESTAS

O «Pim-Pam-Pum», meus meninos,
que, apenas, para vós é,
faz votos para que todos
os leitores pequeninos,
achem brinquedos a rôdos
sôbre o lar da chaminé,
junto ao vosso sapatinho;
pois é sinal,
já se vê,
de que não teem maus modos,
de que não procedem mal,
e que até o Pai Natal
se mostra vosso amiguinho.

NEVES DE NATAL

Por

Julião Selvagem

(Ao Guilherme Alves Pedroso)



Por JULIÃO SELVAGEM



A neve,
Tão leve,
Que cai lá do Céu,
E' linda, branquinha!
Cai tam lentamente,
Que a gente
Nem sente
A neve cair!

Entre o arvoredor
O vento, em segredo,
Soprando canções,
Lá vai juntando,
Soprando,
Levando
A neve aos baldões.
Por cima, nos ramos
De folhas despidos,
Não há um só ninho
Das aves fugidas.
Há flocos de arminho,
Há neves caídas
De cima, do Céu,

Mas ai, que vejo eu
Por entre a brancura
Da neve, rolando,
Na noite tam escura?!

Anjinhos, cantando;
Um velho branquinho,
De barbas de arminho,
De neve os cabelos...

Já sei: vão levar
Brinquedos ao lar
Dalgum pòbrezinho,
Agora dormindo
Um doce soninho,
Talvez a sonhar
Com o Deus-Menino,
O meigo Jesus,
Que é tam pequenino
E que tanta luz
De amôr e carinho,
E tanta bondade
Espalha no mundo...

E a neve, caíndo,
Caíndo, branquinha,
Lá segue, cobrindo
A estrada velhinha.

U chamava-lhe o «meu príncipe»...

Morava perto de mim e muitas vezes da minha janela o via na rua, sentado no degráu da minha porta, enquanto os outros garotinhos brincavam.

Não sei porque eu gostava mais dele do que dos outros — talvez porque me parecia muito triste.

Chamava-se Jorge e era loiro como um príncipe. Uma tarde perguntei-lhe porque não brincava êle, como os outros rapazes da sua idade.

Disse-me que já não tinha pai e que a sua mãe trabalhava a dias. Só não brincava — receando romper o fato e ter, assim, de incomodar a pobre mãe que recolhia a casa já farta de trabalhar.

Tinha dez anos sómente, mas era duma vivacidade que encantava e a sua inteligência fazia-o ambicionar um emprego a-fim de ajudar a mãe — «pois assim já seriam dois a ganhar»...

Jorge terminara os seus estudos primários e passava as tardes comigo, enquanto a mãe trabalhava para que pudessem manter-se.

A boa mulher extenuava-se mas podia orgulhar-se de ter o lar sempre tão limpo que dava gosto ver-se. Além disso, Jorge podia apresentar-se dignamente em qualquer parte, dado o aceio cuidadoso da sua roupa, sempre bem passajada e lavadinha.

Em minha casa gostavam tanto do «meu príncipe» como eu próprio e minha mãe, se êle se demorava, não o deixava sair nunca, sem ter jantado connosco.

Um dia perguntou-me:

— Diga-me: porque há tantos pòbrezinhos que pedem pão?

— Porque o não têm para comer...

— Mas, se há gente rica, porque o não têm?

— Porque nem todos são caritativos.

E o meu príncipe», então, pôs-se a pensar. A cabeça apoiada nas mãos e os olhos fitos numa jarra com flores.

— Ah, se eu tivesse muito!...

— Olha, meu pequeno: Nunca te lembra de fazer bem apenas quando tiveres muito. Recorda-te sempre dos que têm menos e reparte com êles quanto possas.

Na ante-véspera do Natal, Jorge, como de costume, foi passar a tarde comigo. Ia mais triste e os seus grandes olhos azuis tinham maior melancolia interroguei-o. Princiou a chorar sem conseguir responder-me.

Acarinhei-o, beijei-lhe os cabelos. Passada a crise de choro, pôde, enfim, contar-me a causa da sua mágoa.

Levantara-se cedo e, ao chegar junto da mãezinha, encontrou-a a chorar.

— Mãezinha... porque chora?





E Jorge prosseguiu:

— Mãi... Então, não chore! Não vê que assim me faz chorar, também?!

— Sim, meu Jorge; eu não choro.

— Olhe, mãizinha: por enquanto não podemos fazer jantar de festa pelo Natal, mas, quando eu for mais crescido, havemos de tê-los bem lautos com «sonhos» e fatias douradas. E hei-de, então, comprar um vestido novo para a mãizinha estrear, sim? Mas... lá está outra vez a chorar...! Não quero!

— Dá-me tanta pena ver os outros com fatinhos novos e brinquedos e eu sem poder dar-te coisa alguma!

— Então! Há outros que têm menos do que nós, que sempre vamos tendo agasalho. E há tantos, tantos que até dormem na rua!

E Jorge chorou, então, com pena dos que não tinham casa.

Entanto a mãe safu para o trabalho, deixando-o só, todo entregue à lembrança de que, naquele dia, quando o pai era vivo, tinham sempre em casa com que fazer a festa do Natal.

E os seus olhos percorriam o armário onde, nesse tempo, a mãe guardava a farinha, os ovos, o açúcar e onde não havia, agora, nem o embrulhinho da canela para perfumar a calda das filhoses.

Lembrou-se do sapato na chaminé, das alegrias que os brinquedos nele despertavam.

Agora nem isso!...

Quando, de manhã, se levantava, ficava a olhar a chaminé sem brinquedos e, a um canto, a mãe a chorar — que era o que lhe fazia ainda mais pena.

Não; agora não poria lá o sapato para que a mãe não sofresse novas desilusões. E, tristemente, dizia: — mas o que me faz chorar é ver minha mãe a sofrer e ver os outros a rir!

Não é por vê-los contentes, não! E' porque troçam de mim. Riem-se quando me vêem sem brinquedos nem roupa nova.

Se eles soubessem... às vezes, quasi não chego à janela, para que não me vejam os olhos cheios de lágrimas e não julguem que invejo o que eles têm.

Ouvindo-o, então exclamei:

— Deixa, men Jorge. Jesus é amigo dos bons e perdôa aos maus, na hora do seu arrependimento. A tua vez há-de chegar! Eu vou falar com tua mãe para que não chore se o teu sapato ficar vazio.

E fui...

Pedi-lhe que não mostrasse tristeza nos dias em que, justamente, deve entrar a alegria nos lares, nos corações e nas almas.

No dia seguinte, Jorge disse-me que tivera uma idéia: ia pôr o sapato na chaminé com um bilhetinho para o Menino-Deus, pedindo-lhe que ajudasse a mãe e amparasse o lar. Assim fez.

Dormiu sossegadamente na véspera de Natal; na manhã seguinte levantou-se e correu à chaminé, ansioso de ler a resposta que queria encontrar no sapato.

E oh! que deslumbramento!

A chaminé estava florida! Linda, como um céu repleto de estrelinhas! E quanta neve prateada, brilhando faiscante ao clarão da manhã, que banhava toda a cozinha!

Ficou mudo de espanto e contentamento.

Sobre uma mesa estava uma travessa atochadinha de «sonhos» — uma delícia de perfume! E o Jorge murmurava:

— Meu Deus! Como vos agradeço! Como a mãizinha vai rir e ficar contente!

E pôs-se a chamá-la:

— Mãizinha! Venha ver. Hoje não vai chorar. O Menino Jesus ouviu-me. Pedi-lhe tanto que lhe poupasse as lágrimas!

E abraçou-se a ela, a chorar e a rir.

— Não sei, meu amor!

Todos os dias, depois que o pai falecera, a mãe chorava sempre que se aproximavam os dias festivos.

E cai sem cessar,
Tam leve e macia
Que brinca, esvoaça,
Mais leve que o ar,
Mais linda que a graça
Dum riso feliz,
De linda criança!

Que pena
Que a neve,
Tam branca,
Tam leve,
— Tam leve e macia —
Nos caia dos Céus,
Mandada por Deus
Tam linda e tam fria!

E aquele velhinho,
De barbas de arminho,
Na estrada
Caminha;
Lá segue e não sente
O frio da neve,
Lá vai, lentamente,
Sorrindo de esperança,
Enquanto na aldeia
A pobre criança,
Há muito que sonha
Com lindos brinquedos.

E a noite tristonha,
Tam escura
E medonha,
Ao bom do velhinho
Põe branco o caminho,
Que pisa, contente.

E os anjos, cantando,
Lá vão indicando
Qual é a casinha
Que a neve, branquinha,
Cobriu lentamente,
E onde, sorrindo,
Entra de mansinho
O branco velhinho.

Depõe um «bébé»
De louça pintada;
Um lindo palhaço;
Um gato felpudo,
Sobre a chaminé,
Junto ao sapatinho,
Pequeno e velhinho,
Da pobre criança.

Jesus dera tudo,
Porque a criança
Não era mãizinha...

E aqueles meninos
Que são pequeninos
Mas gostam, porém,
De só fazer mal,
Escutem-me bem;
Jesus aos mauzinhos
Não manda os anjinhos,
Nem deixa, também,
Que Papá-Natal
Vá à chaminé
Depôr um «bébé».

O PRESEPIO

Por AUGUSTO
Desenho de A



O PAI NATAL

Meninos, sabem quem é o velho Papá Natal, que, na vossa chaminé, quando não procedem mal, vos põe brinquedos ao pé do sapatinho? Quem é? Não sabem?! E' natural.

Podia ser S. José, que sendo também velhinho, era o 'Esposo idolatrado da Virgem da Nazaré; mas não é. Quem, afinal? E' S. Pedro disfarçado.

S. Pedro que, festejando o Natal do Deus-Menino, as portas do céu deixando, com vestes de peregrino, desce à Terra, em vôo brando, cumprindo um mandô divino.

S. Pedro que do céu vem dar-vos um lindo brinquedo... Mas não digam a ninguém porque é um grande segredo!



ZINHO era um menino pobre. com as mãos vazias. Seus pais não podiam dar-lhe venda, que logo era vendidos. presentes caros e todos os anos, pelo Natal, Zézinho entristecia, ao ver as montras repletas de valiosos brinquedos, que iam parar às mãos dos meninos ricos os quais, conduzidos pelos respectivos papás, entravam nos bazares, onde satisfaziavam as suas predilecções.

Não era inveja o sentimento que assaltava Zézinho, ao vê-los sair das lojas, atalçados de embrulhos e um sorriso de imensa felicidade a iluminar-lhes os pequeninos rostos, de cândida expressão. Era pena, tristeza de os não poder adquirir também.

A-pesar-de ter, unicamente, dez anos, Zézinho já trabalhava, auxiliando os pais no sustento da casa. Vendia jornais e algumas vezes cauteletas. Então, a sua vôsita débil, enchia parte da rua com seus cantantes pregões: — «*Olh'ô Século, o Século e o «Pim-Pam-Pum!»... E' hoje que anda a roda; é o mil trezentos e trinta e três!... É a grande, é a grande!...*» E tanto apregoava e tanto moirejava o dia inteiro, que sempre chegava a casa



Cheio de alegria, reflectida nos seus grandes e magníficos olhos, semelhantes a dois lagos profundos e claros, no fundo dos quais brilhava, como uma bênção divina, a gratidão do seu coraçãozinho, Jorge exclamou, voltando-se para mim:

— Agora vou procurar repartir o que Jesus me mandou. Ali no bêco, junto do chafariz moram uns pequenos, tão pobres como eu! Se não tiveram brindes, levar-lhes-ei brinquedos, «sonhos» e arrôz-dôce. Assim a alegria de minha mãe será maior, porque levo outras alegrias mais longe.

— Mas é preciso levar-lhes, também, palavras de conforto e resignação. Falar-lhes à alma para que tenham fé no futuro.

O E O ZÉZINHO

DE SANTA-RITA
ADOLFO CASTANÉ

zias e a bolsa cheia do produto da
entregavaao pai.

ém, na véspera do Natal, Zézinho
la, entre mãos, uma cautela de
á farto de a apregoar. Era o seis
sinal capicúa. Faltava, apenas, um
para andar a taluda do Natal.

Ninguém lhe pegava, ninguém a queria, que azar!
Mas era, ainda, tempo de a vender. A' última hora,
havia sempre compradores. Era questão de per-
correr a baixa da Cidade!

Disponha-se a ir, de novo, apregoá-la, quando,
na montra dum bazar, um lindo Presépio, todo
iluminado, lhe chamou a atenção. Parou a contem-
plá-lo. O menino Jesus sôbre palhinhas, entre Nossa



Senhora e S. José, um burrinho, uma
vaca e uma ovelhinha branca, pa-
recia sorrir-lhe. Então, as meninas
dos olhos de Zézinho entraram no
Presépio. Percorreram-o todo, envol-
vendo, no mesmo afago, a Senhora,
o Santo e os animais, completamente
alheado e esquecido da venda. Só
despertou do seu extasi, do seu re-
colhimento espiritual, horas depois,
ouvindo, ao seu lado, um companheiro
apregoando a lista. E ele, ainda, com
a cautela na mão! «Ora esta, ora
esta!... Que hei-de fazer, agora?!...
(murmurava a chorar). Se ainda, ao
menos, tivesse o mesmo dinheiro! Eh
«pá» deixa lá ver a lista!...» acres-
centou, chamando-o.

Então, súbitamente, o olhar incen-
diou-se-lhe e uma expressão de in-
tensa alegria se lhe espelhou no rosto.

O número da «grande» era o seis
mil e seis!



A SURPRESA DE JUCA

Juca, menino exemplar,
que nunca prega uma péta,
que já lê sem soletrar,
de ponta a ponta a selecta,
que foi sempre obediente
aos seus mestres e papás,
respeitando toda a gente,
que nunca maldades faz;
foi depôr seu sapatito
na chaminé do seu lar,
para alcaçar um bonito
com que pudesse brincar.

Calculem sua alegria,
quando, no dia seguinte,
foi encontrar — (quem diria?!)—
em vez de um, apenas; vinte!

Dir-se-ia até mesmo estar
transformada a chaminé
no mais completo bazar
que em plena «baixa» se vê.

O que faz ser um bebé
uma creança exemplar!

O NATAL DO MEU PRINCIPE

Vai a êsses lares pòbrezinhos e dize-lhes da tua esperança, de como sou
beste confiar e viver sem invejas. Mostra a tua alegria no meio da tua pobreza e
êles compreenderão que, nem só aqueles que muito possuem, têm direito de viver
contentes.

Nem todo o dinheiro do mundo pagará a alegria de poderes fazer bem.

— E' verdade — concluiu Jorge — se eu fôsse rico e ambicioso de que servia
o muito que tinha, se outros morriam de fome?

E lá foi... espalhando sorrisos e confortos por aqueles de quem êle lamen-
tava a pobreza.

(Continuado da
página 3)

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

PREMIADOS DAS SÉRIES X A XIV: — (Com um lindo livro): — Antero dos Santos Ribeiro, Gada, Tic-Tac. (Com uma construção de armar): — Andorinha, Coca-Bichinhos, Maria do O', Babo-Babinho, El-Bravo, Zacalculos, William, Um Alentejano, Maria Fernanda Gonçalves, Marius.

PREMIADOS DAS SÉRIES XI A XV: — (Com um lindo livro): — Pitola, Barianecas e D. Papeta. — (Com uma construção de armar): — Pum Pum Pam, Pirotecnico, Oliva, Gandi II, Homem Zito, Jorge de Sintra, Marito Pito, Braba, Papa-moscas, Tigre Real.

Pedimos a todos estes concorrentes que nos enviem o seu retrato para ser publicado nas condições do Concurso, escrevendo-lhe nas costas o nome, morada e pseudónimo.

IX Série (Terceira das ultimas 5 séries)

CHARADAS EM FRASE:

- 1.ª — Nota que o *animal* tambem entrou na corrida. 1-2.
Necas
- 2.ª — Cruza o *quelxo* do homem nesta terra portuguesa. 3-2.
Micles de Tricles
- 3.ª — Meti o *leito* d'este *animal* no dormitório. 2-2.
Zé Nabifça
- 4.ª — Leve este *verbo* e *siga* a creada. 1-1.
Jodasilto
- 5.ª — No *altar* a um *canto* encontrei este homem. 2-1.
Cinco
- 6.ª — Aquêlê *lar* é *pena* não estar unido. 2-1.

CHARADAS AUMENTATIVAS:

- 7.ª — No *buraco* está um *mamifero*. 2-2.
Nando Januario
- 8.ª — A *mulher* gosta daquêlê *enfezaão*. 2-2.
Any Lady
- 9.ª — A *luta* foi ganha por um *grupo* de *soldados*. 2-2.
Off-Side
- 10.ª — Este *roedor* é um grande *excentico*. 2-2.
Manecas

CHARADAS SINCOPADAS:

- 11.ª — Esta *casa* de *diversões* tem uma *chaminé*. 3-2.
El-Gil

- 12.ª — Deve-se ser *recto* com a *palavra*. 3-2.
Anibal Ortiz Martins
- 13.ª — O *campo* é *carinhoso* para os *doentes*. 3-2.
Vidalegre
- 14.ª — Nesta *cidade* *algarvia* está um *envolucro* *sem* *mercadoria*. 3-2.
Vidalegre
- 15.ª — *Mulher* espero ansioso a tua *missiva*. 3-2.
Pearo Calapez Correia
- 16.ª — Esta *mulher* *fala* muito. 3-2.
X-27

CHARADAS ELECTRICAS:

- 17.ª — Tem *cal* mas é *duro*. 2.
Yô-Yô
- 18.ª — Nunca passa duma *creada*. 2.
Zé Nabifça
- 19.ª — Apre ! Você muito se engana. 2.
Sir Mideth
- 20.ª — A *espingarda* que está perto da *corrente* ja esteve no *novel*. 2-2.
Bucha & Estica

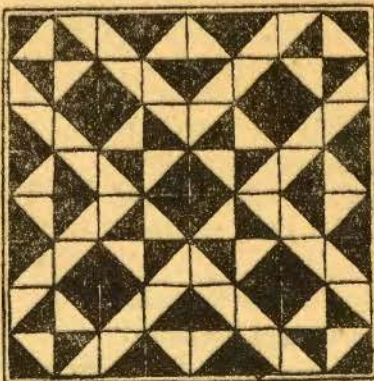
A solução destas charadas, deverá estar em nosso poder até às 18 horas do dia 13 de Dezembro, (sabado).

TIO TONIO
Rua do Século, 43
L I S B O A

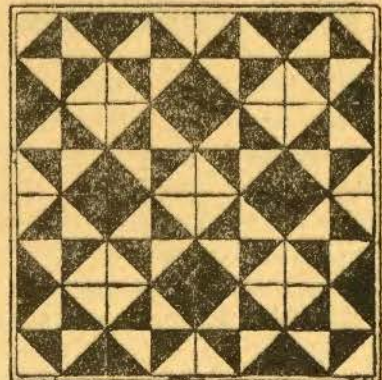
Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no N.º 359 (XVII Séries)

- | | | | | |
|------------------|------------------|-----------------------|-----------------------|------------------|
| 1.ª — Maneta | 5.ª — Tocador | 9.ª — Roma-romão | 12.ª — Armador-ardor | 17.ª — Rama-amar |
| 2.ª — Desventura | 6.ª — Armando | 10.ª — Clara-clarão | 14.ª — Macaca-maca | 18.ª — Raul-luar |
| 3.ª — Marcollino | 7.ª — Archeiro | 11.ª — Azelte-azeltão | 15.ª — Convento-conto | 19.ª — Eva-ave |
| 4.ª — Salmão | 8.ª — Lima-limão | 12.ª — Maleitas-matas | 16.ª — Arara-ara | 20.ª — Rã-ar |

ENTRETENIMENTO GEOMÉTRICO



DOIS NOVOS MODELOS
PARA
AS COMBINAÇÕES



LER AS INSTRUÇÕES
NO NUMERO ANTERIOR

Aneidota

PARA OS MENINOS COLORIREM

Um ricaço de província, que desejava estabelecer residência na capital, dirige-se a um escritório de trens de aluguer e expõe ao empregado num aranzel tolo, que deseja uma carruágem luxuosa aos meses e acrescenta:

— Quando eu fôr só na carruágem, vai só uma cavalgadura, e quando eu fôr com a minha mulher, vão duas, entendeu?

— Perfeitamente, e vá v. ex.º descansado. Cada pessoa, cada cavalgadura. E meninos não tem?

— Não senhor, mas porque faz você essa pergunta?

— E' porque se os tivesse, e fôsse algum na carruágem, era mais uma besta,



Adivinha



Meus meninos: — Vejam se descobrem o possuidor desta árvore do Natal.

O NATAL DAS CRIANÇAS

Este ano não ha motivo para não presentear a petizada



A surpresa do sapato na chaminé fica ao alcance de todos

Os engraçados livros **Bébés de Bibe e Babette, Lanterna Mágica, Pá-Tá-Pá, Có Có Ró Có, Papagaio Azul, Os meus contos e Aventuras de Papusse** constituem uma lembrança que além de divertir as crianças, lhes dá conhecimentos uteis.

Páginas ilustradas e coloridas em todos os livros

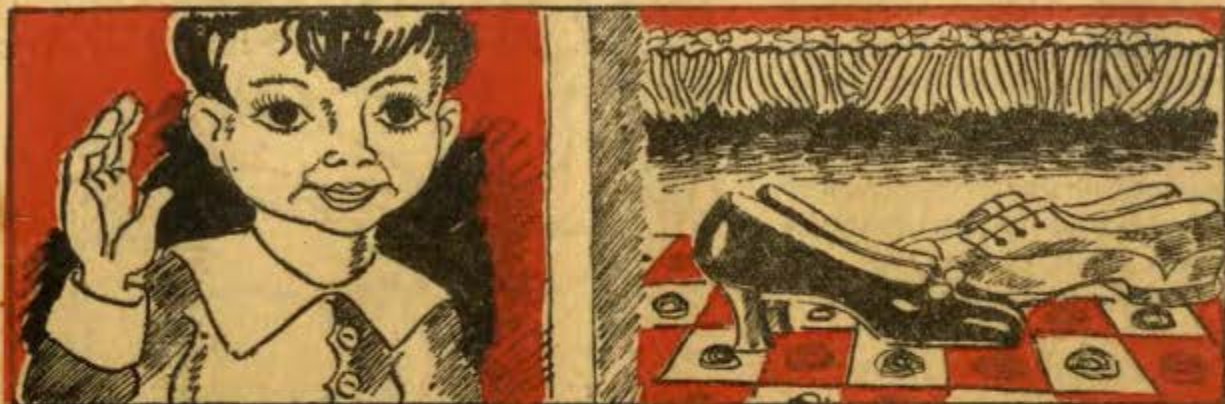
2\$50 CADA VOLUME

Pedidos à nossa Administração
RUA DO SECULO, 49

A' venda na

SUCURSAL DO ROSSIO
REMESSAS PELO CORREIO
A' COBRANÇA

SAPATOS NA CHAMINÉ



I — O Zé Rambóia Vidal,
de brinquedos sequioso,
ao ver chegar o Natal,
e por ser ambicioso,

II — junta, num grande montão,
todo o calçado que vê;
e põe-o ao pé do fogão,
debaixo da chaminé.



III — Calculando conseguir
uma autêntica montanha
de brinquedos, resolve ir
recorrer à sua manha.

IV — Após mil contas fazer,
vai buscar todo o calçado,
supondo, assim, poder ser
bastante presenteado.



V — Mas para inda duplicar
essa porção de calçado,
Zé Rambóia vai buscar
um espelho e põe-no ao lado.

VI — Com o ar mais natural,
murmura, então, Zé Rambóia:
— « Certamente o Pai Natal
não dará pela tramóia! »